

## ASPECTOS CODICOLÓGICOS DE UM MANUSCRITO CATALANO OITOCENTISTA

Maiume de Oliveira Silva (UFG)

[maiune20@gmail.com](mailto:maiune20@gmail.com)

Maria Helena de Paula (UFG)

[mhpcat@gmail.com](mailto:mhpcat@gmail.com)

### 1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os aspectos materiais do códice intitulado “Livro de Registro de Batizados da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus (maio de 1837 a setembro de 1838)”. Vale salientar que esse códice foi digitalizado pela equipe do projeto “Em busca da memória perdida: estudos sobre a escravidão em Goiás” e faz parte do acervo digital do Laboratório de Estudos do Léxico, Filologia e Sociolinguística (LALEFIL) do Departamento de Letras da Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão e tem como coordenadora a Profa. Da. Maria Helena de Paula.

O acervo digital do laboratório contém vários documentos manuscritos que foram exarados na cidade de Catalão nos séculos XVIII e XIX, que são a prova concreta de que na nossa cidade houve escravidão nos idos oitocentista, apesar de algumas autoridades defenderem que em nossa região não houve esse sistema escravocrata.

Dos vários livros digitalizados pela equipe do projeto, esse códice eclesiástico exarado na primeira metade do século XIX nos pareceu perfeito para que pudéssemos realizar o estudo mais acurado sobre a sociedade oitocentista catalana, haja vista que o vigário encomendado Francisco Xavier Matoso responsável por assinar os cinquenta e dois fólios em *recto* e *verso*, deixa rastros importantes sobre os escravos que viveram aqui na época.

Costa (2009) assevera que o aspecto ideológico e social que os livros manuscritos carregam são importantes, todavia o códice deve ser investigado também em seu aspecto material. A autora nos chama a atenção ao dizer que um *códex unicus* possui dois aspectos significativos e os denomina de *corpus misticum* e *corpus mechanicum*, o primeiro refere-se ao tema, à ideologia e ao seu conteúdo e o segundo é referente à sua concretude ou ao suporte material. É sobre esse tema que iremos abordar no

presente artigo procurando ainda abordar em linhas gerais sobre alguns traços sobre a história escravocrata em Catalão.

## **2. Breves considerações sobre o corpus**

Megale e Cambraia (1999, p. 9) asseveram que o principal motivo de se editar textos brasileiros se deve,

a recente retomada dos estudos diacrônicos do português, a qual data de meados da década de oitenta. Dessa década para cá, cresceu e intensificou muito o interesse pelo estudo da história do português, ainda mais pela história do português do Brasil.

Desse modo, ao deparar-se com um texto manuscrito o filólogo precisa perscrutar a fim de editar um texto fidedigno, no entanto nem todos os códices encontram-se bem conservados, alguns apresentam “manchas, corrosão por traças e pela tinta, ação do calor, água, umidade e manuseio” como assevera Acioli (2003, p. 2). Essa falta de conservação faz com que várias histórias se percam, todavia, é trabalho do filólogo encontrar esses documentos e editá-los para restaurar os aspectos sócio-histórico-culturais.

Nosso códice manuscrito eclesiástico exarado no período de maio de 1837 a setembro de 1838 traz relatos sobre o batismo de pessoas negras escravas, de seus descendentes e de pessoas não escravas nascidas na Villa do Catalão e das regiões adjacentes. Por ser de natureza eclesiástica, acreditamos que se assente em uma política de conservação para preservar e prolongar a vida desses manuscritos que são objetos culturais de riqueza ímpar.

Vale mencionar que nesse códice a linguagem utilizada pelo Vigário ao registrar os negros escravos é bastante detalhada, o que nem sempre ocorre nos registros de pessoas não pertencentes ao sistema servil. O vigário faz questão de ressaltar a etnia dos pais e padrinhos porque os mesmos estão entrelaçados nesse sistema.

Outro aspecto digno de nota é a atividade vigente naquela região, a qual estava fundamentada na cultura agrícola, ao contrário do que se notava em outras regiões que crescia mormente baseadas na atividade de extração mineral. Em nosso códice é possível notar que os escravos que aí viviam trabalhavam na agropecuária, isso se explica pelo fato de Catalão não possuir riquezas minerais, por isso aos escravos cabia executar os serviços braçais e as escravas trabalhavam na lida doméstica.

Sobre essa asserção, Chaud (2002) pontua que em Catalão no ano de 1872 os habitantes que viviam aqui não passavam de mil, mas na zona rural esse número era dez vezes maior o que explicaria o fato de esse ser- viço ser mais explorado nessa região.

Nosso *corpus* demonstra que nos anos de 1837-1838 essa ativida- de já era executada pelos escravos que aqui residiam. Podemos observar o exercício dessa função na edição semidiplomática em disposição justi- ficada abaixo:

### 2.1. Edição semidiplomática

||48v||<Domingos> Aos vinte de Agosto de mil oito centos etrinta e oito nesta Fazenda|<Escravo > dos Arrepellidos, Destrto do Vaivem, Termo da Villa de Santa Crus,|em caza de Joaõ Pereira de Cubas, Baptizei Solemnemente, e |pus os Santos Olleos a hum seo escravo de nome Domingos|de nasçaõ Cas- sange, eforaõ Padrinhos Antonio Banguella, e | sua mulher Luiza, Congo, am- bos escravos do mesmo Cubas|que veve de Lavoura epara Constar fis este Termo em que me assigno| [espaço]

OVigario Encomendado| [espaço] Francisco Xavier Matozo [Francisco Xavier Matozo].

Vale mencionar que a escolha pela edição semidiplomática do fô- lio ||48v|| se justifica pelo fato de a mesma permitir que o editor faça al- gumas intervenções como o desdobramento das abreviaturas, já que o códice apresenta muitas abreviaturas, mas sempre respeitando as fronteiras de palavras, a grafia primeira do códice, o uso de grafemas maiúscu- los e minúsculos quando assim apresentarem. Essas normas foram feitas seguindo as “Normas para transcrição de Documentos Manuscritos para a História do Português do Brasil” que foram elaboradas por um grupo de estudiosos da língua e publicadas em vários autores, como Megale e Toledo Neto (2005), dos quais tomamos por base para editar os manus- critos.

### 3. *Codicologia: o estudo das características do manuscrito*

Costa (2009) expõe que a ciência responsável pelo estudo do *cor- pus mechanicum* é a codicologia. Através dela conhecemos os pormeno- res do códice que está sendo editado. De acordo com Spina (1977), essa ciência abarca

A qualidade e a preparação do pergaminho, a natureza e a origem do papel, a composição das tintas e das cores utilizadas na decoração, os mínimos detalhes da encadernação (dimensão, composição de cadernos), modos de numeração, entrelinhamento, colunas, margens, reclamos, dimensões das letras, motivos iconográficos, a própria escritura (SPINA, 1977, p. 28).

Ao estudar esse autor, descobrimos que códice é originário do latim (*códex, cis*) ou (*caudex, cis*) que significa respectivamente tronco de árvore. Da madeira dessa árvore, eram manufaturadas as tabuinhas (*tabulae*), que estavam prontas para receber a escrita quando eram cobertas de cera. Depois de escritas, elas eram justapostas e unidas pelas margens para formar os códices. Anos depois, esse códex artesanal foi substituído por livros de pergaminho e de papel.

O pergaminho era produzido com pele de animal, o que justifica seu preço elevado. Devido à necessidade de escrita da época, surgiu a escrita palimpsesta que consistia em raspar ou lavar um material já escrito para reescrevê-lo, com isso economizava-se dinheiro na compra de uma nova matéria-prima.

O autor revela o prestígio do papiro, planta encontrada em abundância as margens do rio Nilo. Essa planta perene foi muito usada pelos gregos para a escrita de cartas, por ter uma lâmina que era extraída do caule e por ser muito frágil: com o auxílio de uma régua era feito um retângulo do lado que iria receber a escrita, depois essas folhas eram unidas com cola. Anos mais tarde essas lâminas receberam, em seu final, varetas de madeira ou osso, que objetivavam guiar o leitor para que ele não se perdesse.

Apenas no início do século XIII é que surgiram os primeiros documentos exarados em papel. Deve-se a sua invenção aos chineses no ano de 105 depois de Cristo. Esse produto chegou à Europa no século VII pelos Árabes que o trouxeram da Espanha. No ano de 1270, surgiu o primeiro fabricante de papel em Fabriano, na Itália (SPINA, 1977).

Vale ressaltar que antes da chegada da indústria papelreira os documentos eram anopistógrafos, ou seja, exarados apenas no *recto*, após a chegada do papel é que os fólios começaram a receber a escrita opistógrafa, e conseqüentemente a ser também numerados (SPINA, 1977).

Cabe aqui falar rapidamente sobre o material de escrita de cada período. Bezerra (2006) ratifica que para a escrita nas pedras era usado o cinzel, instrumento de ponta resistente. Para as tábuas de argila era confeccionado um estilete produzido por osso ou metal; para o papiro se es-

crevia com um material feito de junco, em que uma das pontas era preparada para ser fibrosa, para sua escrita era preparado uma tinta de fuligem de carbono ou de óxido de ferro que produzia uma tinta avermelhada. Os pergaminhos também utilizavam tinta na sua escrita, os escribas usavam penas de animais para a confecção da escrita, as mais usuais eram as de ganso ou de pato. Nesse material, para que os grafemas não ficassem desalinados, os escribas desenhavam linhas verticais denominadas vergaturas, que eram confeccionadas com o auxílio de uma régua e compasso.

Com o advento do papel, a tinta continuou a ser utilizada, especialmente a ferrogálica que foi utilizada pelos copistas em diversos documentos manuscritos.

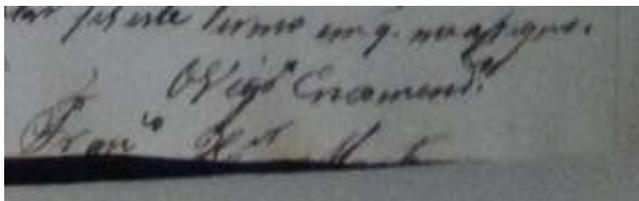
#### **4. O códice manuscrito da Paróquia Nossa senhora Mãe de Deus: alguns aspectos**

O nosso códice é opistógrafo, pois é exarado em *recto* e *verso*, no entanto ele não possui as páginas numeradas. É um códice bem conservado, não apresenta desgastes físicos provocados pela ação do homem ou do tempo, contém cinquenta e dois fólios com exceção da folha de rosto e do fólio final, e duzentos e cinquenta e um registros no seu decorrer, em um breve período de um ano e três meses apenas.

As folhas pareciam possuir tamanhos divergentes, pois nota-se que algumas partes foram fragmentadas devido à encadernação, como por exemplo, a rubrica “Domingues” que era o presidente da câmara paroquial e assina alguns fólios no canto superior direito e a rubrica do vigário encomendado Francisco Xavier Matozo, nesta época o vigário responsável por batizar as crianças nascidas na vila do Catalão e que assina todos os cinquenta e dois fólios em sinal público e raso, como se pode observar nas seguintes figuras.

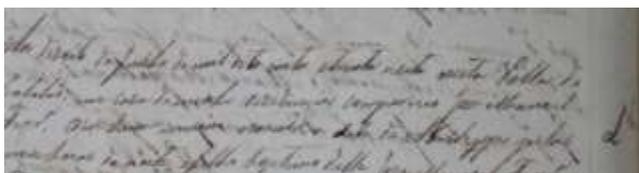


**Figura 1-**Rubrica fragmentada do presidente da câmara Francisco Domingues Silveira



**Figura 2** - Rubrica fragmentada do vigário encomendado Francisco Xavier Matozo

O escriba possui as mãos inábeis, mas mantém a escrita cursiva com ductos regulares, no entanto em todos os fólios há a ausência de vergaturas.



**Figura 3** - Fragmento retirado do fólho ||2v|| do códice eclesiástico da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus

Não sabemos o nome do papel em que essa escrita foi exarada, mas é possível perceber que ela possui a textura fina, de modo ser possível perceber a tinta que foi escrita do outro lado. Acreditamos que a tinta utilizada foi a ferrogálica, muito utilizada pelos escribas na época.

Destacamos que a encadernadora introduziu as folhas de rosto e a final, pois elas têm a cor mais clara que as folhas que carregam as informações referentes aos batizando e que com o tempo se tornaram amareladas. É identificável a cola dessa folha com as demais.

A cosedura do códice não é identificada porque a sua encadernação é recente, no entanto quando o livro se divide em duas partes iguais é possível notar a costura que lhe foi feita, conforme mostra a figura a seguir:

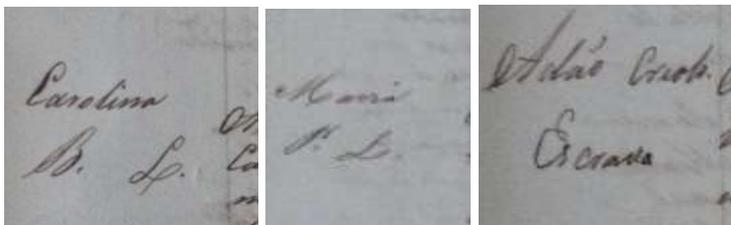


**Figura 4**- Imagem da cosedura do códice

Nosso códice não possui reclame técnica muito usada quando os códices possuíam tamanhos exagerados; então para que o leitor não se perdesse era comum escrever nas páginas anteriores partes do texto que seria encontrado na página seguinte. Essas palavras podiam vir dispostas de maneira oblíqua, na horizontal ou vertical, conforme aponta Dias (2006).

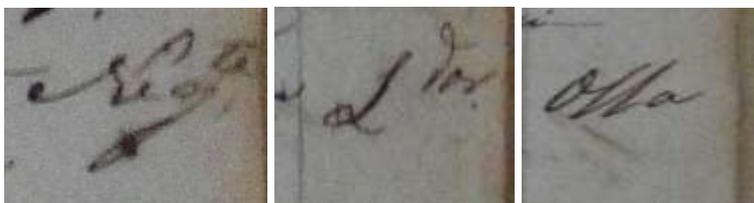
As margens direita e esquerda do códice são feitas a lápis, todavia as margens inferior e superior não são perceptíveis. Vale lembrar que essas margens aparecem apenas no *recto* do códice. Em cada documento há uma média de doze linhas, a contar com a assinatura do Vigário encomendado, somando em média trinta e seis linhas por fólio.

Ao lado das margens temos as glosas que, de acordo com Bezerra (2006), são explicações breves inseridas as margens do texto para esclarecer ou acrescentar informações que certamente aparecerão no corpo do texto. Em nosso caso, elas dão dicas importantes sobre quem está sendo batizado informando se ele é escravo, branco livre ou pardo livre, conforme se pode notar nas figuras.



**Figura 5-** Imagem referente às informações encontradas nas glosas do códice.

Na outra margem, encontramos informações que remetem à profissão dos pais das crianças batizadas, como se pode observar nas imagens abaixo e que significam respectivamente *Negociante*, *Lavrador* e [arte de] *olleiro*.



**Figura 6-** Profissão dos pais dos batizados

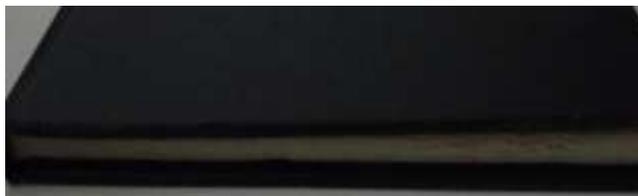
Convém ainda revelar sobre as características da capa do códice, bem como os aspectos da espessura e da sua lombada.

A capa foi recoberta provavelmente em placas de papelão e foram serigrafadas as informações da Paróquia, o nome da cidade em que ela foi edificada, e a temática que será abordada no livro, anexado com os meses e anos em que esses documentos foram exarados.



**Figura 7-** Lombada do códice

As informações da lombada do códice são as mesmas que aparecem na capa, acreditamos que essas informações foram repetidas para facilitar o acesso a esse documento quando o mesmo estiver entressachado dentre outros códices do mesmo gênero.



**Figura 8-** pé do códice

O códice possui apenas cinquenta e dois fólhos, por isso sua espessura é de volume ínfimo conforme se pode observar na imagem acima.

Constatamos nesse estudo, um códice caracterizado pela singeleza, a capa não possui muita riqueza de detalhe, mas preserva um conteúdo de natureza ímpar, o registro de batismo de cidadãos nos idos 1837-1838.

## **5. Considerações finais**

Ensejou-se no presente artigo ter cumprido nossa principal intenção, a de demonstrar as particularidades essenciais existentes no códice

em estudo que relata em suas folhas histórias de um povo que sofreu com a escravidão.

Deste modo, analisar a estrutura do *códex unicus* nos permite, além de conhecer a nossa cultura, fornecer subsídios teóricos para outros pesquisadores que através dos pormenores do código, o nosso *corpus mechanicum*, conhecerão elementos maiores que a própria história que ali está registrada.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Vera Lúcia. *A escrita no Brasil Colônia: um guia para leitura de manuscritos*. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massanga, 2003.

BEZERRA, Benedito Gomes. Do manuscrito ao livro impresso: investigando o suporte. In: *Programa de Pós Graduação em Letras*, 2006, Recife. Anais do evento PG Letras: Recife, 2006, p. 381-396. Disponível em: <http://www.pgletras.com.br/Anais-30-Anos/Docs/Artigos/4.%20Dout%20e%20mestres%202006/4.1%20Benedito.pdf>. Acesso em: 20-04-2013.

CHAUD, Antonio Miguel Jorge. *Memorial do Catalão*. Goiânia: Edição do Autor, 2000.

COSTA, Renata Ferreira. Um livro manuscrito do século XVIII. *Língua-gem: estudos e pesquisas*. Vol. 13. Catalão: Curso de Letras da Universidade Federal de Goiás - Campus Catalão, 2009, p. 123-138.

DIAS, Elisângela Nivardo. *Subsídios para um estudo do reclame a partir de manuscritos e impressos em português (séculos XVI a XIX)*. 2006. 114 f. Dissertação (mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MEGALE, Heitor; CAMBRAIA, César Nardeli. Filologia Portuguesa no Brasil. *D.E.L.T.A.*, vol. 15, nº especial, 1999, p. 1-22.

\_\_\_\_\_; TOLEDO NETTO, Silvio Almeida. *Por minha letra e sinal: Documentos do ouro do século XVIII (Coleção Diacronica)*. Cotia: Ate-liê, 2005.

PARÓQUIA Nossa Senhora Mãe de Deus, com rubrica do Presidente da Câmara Paroquial, Francisco Domingues Silveira de Souza. *Livro de As-*

*sentos de Registros de Baptizados da Paróquia Nossa Senhora Mãe de Deus.* 52 fólhos. Villa do Catalão, 1º de setembro de 1837.

SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual.* São Paulo: Cultrix; Universidade de São Paulo, 1977.